

## EDUCAÇÃO COMO PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

CORONA, George Francisco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto faz uma reflexão acerca da antiga e permanente luta contra a violência, endêmica e difícil de ser tratada. O problema da violência precisa ser abordado de maneira diferente do modo tradicional: ao invés de se combater suas consequências, precisa-se atingir suas raízes; trocar a remediação pela prevenção. A proposta deste estudo é de demonstrar que a educação pode não ser o meio mais rápido, mas é o mais eficaz para prevenir este problema, uma vez que a raiz dele está na mentalidade, e é isto que autores como Paulo Freire e Theodor Adorno procuram demonstrar. A habitual mentalidade brasileira, treinada por séculos em uma educação autoritária, vertical e impositiva na escola tradicional continua a conservar mentalidades antidialógicas, intolerantes, passivas que terceirizam sempre as responsabilidades políticas, situações essas que fertilizam e potencializam a violência. Ao se cultivar mentalidades democráticas, afeitas ao diálogo, ao debate, ao pensamento crítico, à abertura ao outro e ao diferente, ampliando sua participação nas decisões políticas, criam-se cidadãos capazes de ser emanciparem, tratando seus próprios problemas e diminuindo a dependência do poder estatal. Cria-se assim, pela educação, um ambiente preventivo contra os vários tipos de violências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Violência; Prevenção.

**ABSTRACT:** This text reflects on the old and permanent fight against violence, endemic and difficult to be treated. The problem of violence needs to be approached differently in the traditional way: instead of tackling its consequences, it is necessary to reach its roots; exchange remediation for prevention. The purpose of this study is to demonstrate that education may not be the fastest medium, but it is the most effective way to prevent this problem, since its root is in the mentality, and this is what authors such as Paulo Freire and Theodor Adorno seek to demonstrate. The traditional Brazilian mentality, trained for centuries in an authoritarian, vertical and taxing education in the traditional school, continues to conserve antidialogical, intolerant, passive mentalities that always outsource political responsibilities, situations that fertilize and potentiate violence. By cultivating democratic mentalities, with a focus on dialogue, debate, critical thinking, openness to the other and the different, broadening their participation in political decisions, citizens are created capable of being emancipated, treating their own problems and reducing dependence on state power. This creates, through education, a preventive environment against the various types of violence.

**KEY WORDS:** Education; Violence; Prevention.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, mestre em Ciências das Religiões pela FUV e licenciado em Filosofia pela FSL. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - campus Itapina, no curso de licenciatura em Pedagogia e no ensino técnico.

## INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais comentados no Brasil nos últimos anos e, em especial, a cada campanha política presidencial, é o problema da violência. Como combatê-la? Eis a pergunta mais frequente. Talvez aí esteja o primeiro equívoco: a pergunta. Resolver um problema exige encontrar suas raízes, e a questão da violência tem múltiplas e complexas raízes. Combater apenas seus efeitos é ineficaz e tão difícil quanto achar suas raízes e extirpá-las da sociedade. Mas, pode-se questionar: e se se mudasse a pergunta? Ao invés de *como combater a violência*, fosse perguntado: *como evitar a violência?* Troca-se *remediação* por *prevenção*. A construção de uma sociedade mais justa para todos perpassa a grave questão da violência. E, certamente, a temática da prevenção pode gerar mais economia de recursos público-privados do que o combate remediador das consequências de uma sociedade violenta. Conscientizar a população mais jovem - a mais vulnerável e mais envolvida nas violências que resultam em agressões físicas e mortes, e os que mais lotam os presídios - pode ser a via para uma prevenção eficiente a curto prazo, nas situações mais simples, e eficaz a longo prazo, nas situações mais crônicas.

### 1. EDUCAÇÃO COMO CONSCIENTIZAÇÃO

Quando se fala em conscientização a área educacional desponta como a mais promissora, devido sua natureza formativa e evidente contribuição em processos voltados à humanização. E, ao criar conexão entre as palavras *conscientização* e *educação* surge como referência a figura de um das maiores autoridades brasileiras e mundiais no tema, Paulo Freire. O famoso método freireano de alfabetização de adultos iniciado na década de 1960 aliou técnicas de letramento com conscientização social, econômica, cultural, religiosa e política. Freire não visava apenas o saber ler e escrever: seu método pretendia formar um ser humano livre, autônomo, capaz de entender o mundo a seu redor e agir sobre ele, para transformá-lo. Eis uma premissa alinhada à ideia de enfrentar a questão da violência: precisa-se transformar a realidade.

Por suas características de aparente simplicidade, pela clara realização nas práticas cotidianas de tudo aquilo que defendia na teoria e, sobretudo, pela defesa da necessidade da *conscientização*, o método [freireano] surgia como resposta à procura de um instrumento adequado de atuação para os diferentes agrupamentos envolvidos na busca de construção de uma sociedade mais justa no país (BEISIEGEL, 2010, p.19).

Freire decidiu colocar em prática suas ideias de transformação social. Contudo, os métodos educacionais tradicionais de imposição vertical e autoritária não dialogavam com a proposta freireana. Não poderia haver salvadores da pátria, iluminados, heróis, em resumo, guias para cegos, aleijados, mudos ou surdos, culturalmente falando. Era necessário potencializar a aprendizagem autônoma. Aprender a ver, andar, falar, ouvir, não apenas no sentido físico, mas principalmente no cultural. Interpretar a realidade social, política, econômica, religiosa, pensar *por si próprios*: toda essa proposta voltada à emancipação dos sujeitos no incentivo à sua participação ativa na sociedade, em contraposição a um passivismo estrutural imposto pelo pensamento hegemônico.

Como nos ensinou Freire seria uma ingenuidade da classe trabalhadora esperar que os governos ofereçam uma educação que possibilitasse a emancipação dos sujeitos oprimidos. Freire tinha consciência de que a implantação de uma proposta pedagógica passaria pela construção de novos caminhos, e por isso era necessário usar a mesma linguagem destes povos, sem as quais não há comunicação, e sem essa a-conscientização não se viabiliza. Para tanto, Freire propôs um material original, as cartilhas.

As cartilhas deveriam **adaptar-se ao vocabulário e aos interesses do adulto, envolvendo assuntos de significado direto na sua vida**. Mesmo quando ainda não soubessem ler e escrever, os adultos poderiam receber ensinamentos orais, sobre os mais diversos temas de geografia, história, ciências, higiene e problemas da vida social. Nessas lições orais, que deveriam ter **preferencialmente a forma de diálogo, e não a de monólogo do professor, seria possível descobrir os interesses e as aspirações naturais dos alunos** (BEISIEGEL, 2010, p. 23, grifo nosso).

A partir da aplicação deste método, Freire passa a ser conhecido nacionalmente, e posteriormente ocupa lugar no cenário internacional. Para ele o analfabetismo não era apenas uma ignorância do ato de saber ler e escrever letras, mas era um problema mais sério de consequências sociais mais profundas, sendo uma delas a violência.

Freire defendia a necessidade de se pesquisar e testar os “métodos e processos de elevação do nível cultural da população [...], tendo em vista não somente o ensino em si desligado dos problemas sociais a que se relaciona, mas também principalmente o trabalho e a melhoria do nível de vida” (BEISIEGEL, 2010, p.26). A eliminação da violência, assim como o de vários outros problemas sociais, pode estar condicionado ao desenvolvimento da população mais vulnerável. Mas este desenvolvimento exige a participação consciente do povo e a educação se presta a este papel, na medida que prepara as pessoas para o autogoverno e as liberta da dependência passiva do Estado

ou da caridade religiosa, assim como as liberta da do fatalismo da aceitação do *status quo* (Cf. BEISIEGEL, 2010, p.27).

Esta característica de conscientização acerca de si e da realidade que conduz à autonomia é essencial para que a população quebre a corrente aprisionadora daqueles grupos que têm interesse na conservação da realidade, na medida em que esta, do modo como se encontra, lhes é vantajosa. Não importa quem queira atuar na realidade social para mudá-la em algum aspecto: sempre haverá outro indivíduo que se oporá para que sua situação confortável não mude.

Romper com a opressão, emancipar-se não é tarefa simples. Esse desafio, lançado aos oprimidos por Freire, se materializa em um esforço contínuo de conscientização das classes mais baixas de transgredir o pensamento hegemônico da classe dominante muitas das vezes estabelecido pelo currículo nas escolas. É certo que não haverá interesse entre os dominantes de uma emancipação dos dominados. Essa, se ocorrer, será pelo caminho da conscientização do oprimido, no reconhecimento de sua posição de dominado e na busca pela superação do *pensamento ingênuo*.

Entre as mazelas sociais a quais enfrentamos está a violência. Essa adentra os ambientes escolares sem pedir licença e impõe de forma *brutal* suas *leis*. Esse retrato social, replicado na escola, nos desafia a pensar uma Educação que seja capaz de resgatar a humanidades, o convívio social harmônico, o respeito à diversidade e à pluralidade de ideias, principalmente o acesso a Culturas.

A conscientização dos sujeitos pode potencializar o comprometimento com sua realidade, um dos caminhos que auxiliam na superação da violência, se consideramos a *ignorância*<sup>2</sup> como sustento dessa problemática. Aquele que ignora a si mesmo, que não reconhece sua identidade e seus direitos, que não compreende como sua realidade foi historicamente construída através das múltiplas experiências com o mundo, não se torna cidadão, mas padece prisioneiro obediente de sua limitação da *ingênuo* interpretação da vida, pois não percebe de que dela faz parte e nela faz sua existência.

Nesse sentido de libertação da *ingênuo* interpretação da vida, Beisegel (2010, p.68-69) comunga com a ideia de que “o homem a quem esta educação ‘conscientizadora’ era dirigida já se apresenta

---

<sup>2</sup> “Ignorância” será entendida aqui como a ausência, inconsciência ou negação das Culturas enquanto Culturas locais, autóctones, plurais, nascidas de baixo, em oposição à alta cultura, geralmente vertical, monista e imposta pela cultura dominante.

como domesticado pois já fora submetido às relações e estruturas de dominação tradicional, pois a modificação de hábito e pensamentos perpassa por um trabalho voltado para a promoção de uma nova visão de si mesmo, para o progressivo desenvolvimento do autorrespeito, da autonomia (...).”.

Freire (1986, p.77) alerta para a existência de uma *violência simbólica* na escola e na sociedade, que impõe o silêncio aos alunos. Trata-se de simbólica por seguir a própria ordem das coisas e não um castigo físico propriamente dito, “(...) um meio ambiente pleno de regras, currículos, testes, punições, requisitos, correções, recuperações”.

Quanto mais ignorante-inconsciente<sup>3</sup> das condições que influenciam seus comportamentos, mais o sujeito é objeto, fadado a repetir ciclicamente todos os atos que o mantêm neste mesmo estado de inconsciência e ignorância, potencializando as formas de violência que oprimem a si e aos outros. Como um viciado em álcool que, ao beber mais, pensa estar aliviando seus problemas, na realidade está ampliando-os, e ao ampliar, bebe mais para se aliviar mais. De modo análogo a violência gera ciclicamente violência, mesmo que reativa/defensiva ou reprodutiva.

A violência reativa/defensiva é motivada pelo instinto de autopreservação. Se atacados podemos reagir inesperadamente. Cabe aos processos de socialização através da Educação a delimitação das reações instintivas de forma que os sujeitos reconheçam no coletivo as possibilidades de coibição de atos violentos. Temos também os sujeitos que reagem à sua condição social, a seus contextos, como é o caso dos oprimidos que se tornam opressores.

Na violência reprodutiva podemos encontrar sujeitos que foram expostos, desde a infância, a situações críticas de agressões até mesmo no núcleo familiar, primeira instância educativa não formal. Essa imersão a um mundo conturbado leva os sujeitos a se comportarem violentamente com naturalidade. Uma criança que presencia agressões contra as mulheres em seu lar e também a sofre replica no ambiente escolar sua vivência. É provável que essa criança tenha comportamentos violentos contra seus colegas de sala e contra mediações socializadoras personificadas na pessoa dos educadores. Para ela poderá parecer normal impor a força como ferramenta de socialização ao invés do diálogo.

---

<sup>3</sup> Ignorante-inconsciente: termo utilizado para classificar sujeitos que negam as culturas ou não teve acesso a elas e que não reconhece sua participação na construção da sociedade.

## 2. O CONTEXTO CIDADINO DA VIOLÊNCIA

É importante atentar-se de que a Cidade é considerada por Freire (2001) como o *locus* da violência, pois ao concentrar os processos produtivos, dentro do contexto capitalista, ao atrair uma elevada contração populacional muitas vezes provocando uma urbanização acelerada e desacompanhada de planejamento, tem na violência um reflexo notório. Sobre a importância estratégica da cidade nos processos educativos Freire (2001, p.13) afirma que a “[...] cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar [...]”.

Ainda sobre a importância das cidades no contexto da educação e da violência Freire (2001) concebe a Cidade como educadora e educanda. A cidade implica a nossa posição política e no exercício dos indivíduos em relação ao poder, ao sonho, a subjetividade e sobre o serviço de quem e para quem fazemos, isto é, para Freire a cidade atua no processo educativo nos *obrigando* a exercermos cotidianamente a criticidade de nossas ações.

Sobre o exercício crítico que a cidade nos convida a fazer Freire (2001) exemplifica apontado sobre a questão da memória cultural das cidades, que em alguns momentos apresenta um descompasso com a cultura de paz ao erguer, manter e exaltar monumentos de feitos de guerra, ou de mártires nos espaços públicos. Esta questão é extremamente atual e problemática, como os casos de estátuas militares nos EUA, que provocaram sérios conflitos e mortes em 2017<sup>4</sup>.

Pode-se então supor que os sujeitos sucumbidos a esses contextos, se lhe apresentadas outras alternativas de socialização, manifestarão o desejo de libertar-se, na busca de paz. Quando consideramos que a ausência das Culturas pode ser um *projeto* e não uma *mazela* e que as classes dominantes usufruem da ignorância-inconsciente alheia, podemos inferir que a superação dessa situação passa pela Educação.

Para facilitar a compreensão desta perspectiva de usufruto, ressaltamos as seguintes observações: não seria interessante para o ramo de bebidas a conscientização popular acerca das consequências do uso do álcool. A conscientização também não seria interessante acerca das consequências do uso do combustível fóssil, dos agrotóxicos, dos remédios e cirurgias para emagrecimento, ou até

---

<sup>4</sup> FAUS, Joan. Ato Racista em Charlottesville aprofunda feridas históricas nos EUA. El País. Disponível em: <<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941\\_223591.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941_223591.html)>>. Acessado em 27 fev 2019.

todo o marketing direcionado para o culto ao corpo feminino e masculino perfeitos sob o ponto de vista daqueles que lucram com estes ramos. Para cada pessoa que *perde* seu dinheiro em alguma necessidade real ou artificial, há alguém que *ganha*. Essa é uma lógica inerente ao sistema econômico capitalista.

Essa estratégia economicista é fortemente defendida por diversos setores da sociedade que fazem esforços para a manutenção da realidade, tal como está. O sistema educacional tradicional, cooptado por este sistema estratégico, busca sempre atender as demandas dos donos dos meios de produção, e está empenhado na formação de indivíduos desejantes de participarem desta sociedade, modelados dentro da forma que o mercado precisa, isto é, numa visão meramente mercadológica da educação. Nesta visão, busca-se formar o consumidor, não o cidadão. Tal ignorância acerca deste modelo educacional mercadológico pode ser ilustrado com o seguinte exemplo: um ladrão que furta há anos as frutas da árvore do vizinho deseja que este permaneça ignorando a situação, para que sua posição de vantagem permaneça. De modo análogo, qualquer restrição pela conscientização de pessoas adultas deveria acender o sinal de alerta vermelho, pois se alguma situação de vantagem precisa ser mantida com base na ignorância do outro, tal vantagem tende a ser indevida.

### **3. O PROBLEMA DAS IDEOLOGIAS NO TRATAMENTO DA VIOLÊNCIA**

A teoria educacional de Freire tem sido acusada, ultimamente, de defender apenas uma ideologia particular, vinculada a um pensamento político de extrema-esquerda. Segundo essa hipótese, dezenas de milhões de brasileiros teriam sido doutrinados sistematicamente nesta ideologia, o que, de acordo com estes críticos, violam o direito de liberdade, de consciência e de escolha dos indivíduos.

Considerando esta hipotética situação de acusação e comparando-a com as ideias descritas nos parágrafos anteriores já se nota a incoerência e contradição de tais apontamentos a partir dos seguintes questionamentos: Como uma teoria que visa essencialmente conscientizar a pessoa de sua condição social, econômica, política e cultural, revelando-lhe que existem forças invisíveis (por sua ignorância) e que tendem a dominá-las desrespeita a liberdade? Como uma teoria que respeita a cultura e a sabedoria original dos sujeitos e que condena o assistencialismo vertical, a

domesticação, a doutrinação e a manipulação mental pode desrespeitar o direito de escolha individual? Como uma teoria que incita a pessoa a pensar por si mesma, realizar suas escolhas, a construir processos autônomos, a participar politicamente de decisões e criações de leis de seu próprio bairro, município e país pode ser uma doutrinação de uma única ideologia? Como que uma teoria que privilegia o diálogo e o debate desde sua concepção até suas formas mais avançadas seria autoritária a ponto de se impor sobre todos? No entanto é inegável que qualquer um que interfira nos fatores de transformação das condições sociais seja atacado e desacreditado por aqueles que se sentem ameaçados. A situação da violência deve superar as querelas ideológicas e os interesses de grupos se de fato se quer diminuir seus tristes índices numéricos.

Mesmo que se suponha que a teoria freireana esteja recheada de posições político-ideológicas e, supondo-se que esta ideologia não convenha a certos interesses, ainda sim o seu método pedagógico de sucesso pode ser utilizado, com qualquer recheio ideológico. Porém as ideias de respeito à condição cultural original e o primado do diálogo são condições essenciais a serem mantidas. Estas são as únicas condições para que a identidade individual e de grupo sejam valorizadas e a autonomia seja gradativamente desenvolvida. Assim a pessoa cria gosto pela discussão dialógica e busca conscientemente resolver, de modo autônomo, os problemas da própria comunidade, sem depender da mediação do poder público, que é geralmente ineficaz na resolução de problemas tão diversos em nossa sociedade, com destaque à violência.

Podemos observar que certas ideologias, a depender de seu alinhamento político, afastam-se do diálogo como ferramenta social da participação direta popular, da conscientização crítica, da liberdade do pensamento e da autonomia. Deste ponto de vista, sempre elevarão a voz contra o método freireano, não importando qual ideologia política seja aplicada a essa proposta de relações sociais.

A educação de um ser humano, se se quer como resultado um agir livre, autônomo, ativo e responsável, cada vez mais independente de tutelamento, e capaz de propor soluções de problemas de sua própria comunidade e região - valores estes muito propagados pela ideologia liberal e neoliberal - deve se pautar pela formação de um sujeito livre, o que possivelmente aliviará a carga econômica estatal e diminuirá a presença governamental como *resolvedor* de conflitos e problemas sociais. Sobre a formação do sujeito livre Freire (1979, p.04) deixa claro que a *mudança* é vista

como tema gerador de sua prática pedagógica: [...] “a mudança de sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel da educação-conscientização neste processo de mudança é a preocupação básica da pedagogia [...]”.

Uma formação educacional que vise combater a violência no âmago de suas raízes precisa predispor um indivíduo ao abandono de preconceitos na análise dos problemas, a recusa à transferência da responsabilidade, à recusa a posições quietistas diante de situações problemáticas do seu cotidiano, a uma maior segurança na argumentação, ao gosto pelo debate, a uma maior dose de racionalidade, à aceitação de arguições e uma maior receptividade ao que é novo em questões socioculturais (Cf. BEISIEGEL, 2010, p.33).

Freire acreditava que não adiantaria mudar e melhorar apenas as condições ambientais e econômicas se a população que gera e sofre violências continuar com as mesmas *disposições mentais*. O agir imoral e antiético não está conectado à condição material do sujeito, mas à mentalidade. A política da clientela, do mandonismo exacerbado dos poderosos, a prática do assistencialismo, a ausência do diálogo, a passividade do homem que não participava ativamente da vida coletiva fazem parte nas inúmeras expressões persistentes da atmosfera cultural da população brasileira, o que denota sua inexperiência democrática e sua mentalidade política (Cf. BEISIEGEL, 2010, p.34).

Neste ponto Freire deixa claro a profunda conexão entre o anti-diálogo e o autoritarismo. As inúmeras manifestações populares recentes<sup>5</sup> solicitando a intervenção militar como forma de resolução dos problemas sociais, assim como a violência e o culto a personalidades que encarnam o autoritarismo como meio de ação e que dispensam o diálogo e o debate como formas de fazer política revelam características da mentalidade de parte da população. Esta mentalidade de apreço ao autoritário se reflete nas relações cotidianas, que perde progressivamente a capacidade dialogal e de discussão racional, onde as ideias são acatadas e espalhadas sem reflexão, sem crítica, sem investigação, sem verificação. É o que Freire chamava de *consciência transitiva ingênua*: simplicidade na interpretação dos problemas, idealização do passado, transferência acrítica da responsabilidade e da autoridade, inclinação à massificação (comportamento de grupo), gosto por

---

<sup>5</sup> MACIEL, Luiz Carlos. **Movimento popular realiza manifestação em frente ao exército**. Disponível em: <<<https://ppnewsfb.com.br/movimento-popular-realiza-manifestacao-em-frente-ao-exercito/>>>. Acessado em 25 jan 2019.

explicações fabulosas, fragilidade na argumentação, forte teor de emocionalidade e gosto pela polêmica (Cf. BEISIEGEL, 2010, p. 33). Tal mentalidade ainda persiste na atualidade e restaurou uma política conservadora, o que também revela forte tendência ao conformismo, se se entende *conservação* como *manutenção do status quo*.

Neste ínterim, fica cada vez mais difícil eliminar na raiz as causas da violência se não se alterar a mentalidade que provoca e conserva as condições do agir violento, ou da violência como meio para resolução da própria violência, comportamento típico da mentalidade autoritária. Assim como Freire colocava como par de oposição a *personalidade democrática* e a *personalidade autoritária*, torna-se sinônimo o par de oposição entre a *mentalidade dialógica* e a *mentalidade antidialógica*. Logo, qualquer ideologia que despreze o diálogo, que impeça o debate, que dificulte a livre expressão do pensamento é uma ideologia de caráter unilateral, impositivo, vertical, autoritário.

Uma educação nestes moldes tende a formar ouvintes cativos e não-falantes, passivos e não ativos, escravos e não homens livres, pessoas fechadas ao outro e intolerantes a pensamentos discordantes, que aprenderam que eliminar ou silenciar as ideias diferentes é um modo mais fácil de resolver as divergências. Pessoas não-autônomas geralmente culpabilizam os outros por todas as mazelas, o que se pode chamar de transferência de responsabilidade ou auto-irresponsabilização pelos fatos sociais. Esta é a forma mais antiga e comum, já tradicional em nosso país, de se fazer a manutenção da realidade, através da manutenção das mentalidades.

Não reconhecer seu papel e sua responsabilidade nos variados atos violentos e responsabilizar eternamente um Estado ausente ou um agente qualquer é reconhecer-se um ser eticamente irrepreensível e, portanto, conservador. Um projeto de país precisa estar vinculado necessariamente a um projeto de educação nacional. E é impossível a transformação de um país violento em pacífico se o projeto de educação da nação constrói sujeitos passivos, conformados, irresponsáveis, antidialógicos, impermeáveis e autoritários. Tal educação doméstica e não liberta.

A proposta freireana, independente de posições ideológicas pró ou antissocialistas, pró ou antiliberais, pró ou antirreligiosas, etc., lida com a ideia de diálogo, liberdade, democracia, autonomia e responsabilidade. Justamente *o que* o sujeito educado fará depois de sua formação básica é justamente o critério fundamental deste tipo de teoria, é decisão livre, autônoma, pessoal. A grande questão ideológica é se a ideia de *liberdade* é desejada ou não. Se não, a teoria proposta

por Freire deve ser combatida e eliminada. Se sim, então a educação precisa se ater ao fato primordial da tarefa da *conscientização*. **E esta conscientização deve ser crítica, para não ser uma conscientização doutrinada, uma consciência domesticada.** A liberdade entendida como liberdade real implica em uma série de limitações, legais e morais. Essa liberdade é a que precisa ser compreendida pelo educando.

#### **4. EDUCAÇÃO CRÍTICA COMO FORMA DE COMBATE NA RAIZ DO PROBLEMA**

Ao discutir sobre os processos educativos formais, Freire (2000, p.28) aponta para a necessidade de condução e estímulo das crianças desde a educação infantil para o exercício da crítica, da conscientização, da indagação, da inquietude e liberdade no sentido de buscar respostas aos problemas sociais. Assim Freire (2000, p.28) diz que:

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam.

A educação que forma a consciência crítica é aquela que possibilita a eliminação da atitude mental da aceitação conformista da realidade. O ato de questionar, de investigar, de duvidar, de suspeitar, de verificar fontes e origens de certas informações é crucial para a conscientização do sujeito. O ideal é que se aprenda a ter postura crítica sobre suas próprias crenças, suas ideias, sua cultura, sua religião, ou seja, sobre tudo aquilo que determina sua mentalidade e influi no seu comportamento, nos relacionamentos, nas suas escolhas. Esta conscientização crítica deve ser profundamente aliada ao gosto pelo diálogo e pelo debate. A abertura à exposição de suas ideias e principalmente às ideias alheias em um diálogo respeitoso é a condição *sine qua non* da democracia. Para ser construir um país democrático é essencial uma educação que forme personalidades democráticas. E a dialogicidade crítica respeitosa, se oferecida desde a educação mais primária, facilita o desenvolvimento de pessoas abertas umas às outras numa atmosfera social permeada pela ética. Freire (2000, p.51) alerta para a transgressão da ética que motiva e impulsiona as diversas formas de violência, quando expõe que: “[...]é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da

ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor jamais uma virtude.”

Quando a personalidade é autoritária, a autoridade é externa à pessoa, e esta fica presa a uma fiscalização que vem de fora, do outro, para regular constantemente sua conduta. Muitos atos violentos são cometidos longe dos olhos externos, distante da vigilância alheia, sempre escondido da visão do poder estatal, do policial, do fiscal, da lente das câmeras. Esta autoridade externa tem custos econômicos altos e necessita de muitos agentes, e é ineficaz no combate à violência, como se pode constatar facilmente<sup>6</sup>. Ao passo que quando a personalidade é democrática e o sujeito crítico é acostumado ao debate e ao diálogo com seus pares, sua autonomia intelectual o faz pensar por si mesmo, e a autoridade fiscalizadora se internaliza, ou pelo menos se faz presente nele e em seus pares, também sujeitos autônomos. Ali, então, o sujeito é fiscalizado por si mesmo e por seus pares, e um diálogo nunca será um medo ou entrave, já que a abertura ao outro foi naturalizada em sua formação. Mais aberto ao outro e com possibilidade de também agir sobre os demais, este sujeito encontra autorregulação de seus atos violentos entre seus próprios pares, aliviando ou eliminando a presença da fiscalização externa estatal. Assim se pode constatar a vantagem da personalidade democrática contra a enorme desvantagem ante a atitude de fechamento ao outro daquela personalidade autoritária.

Impunha-se promover a introjeção da autoridade e dar nascimento à autoridade interna, à razão ou à consciência transitivo-crítica, indispensável à democracia. Era necessário avançar, passar da assistencialização para a dialogação, da autoridade externa para a autoridade interna permeável, crítica e, assim, democrática (BEISIEGEL, 2010, p.35)

Educar o filho de sua infância a adolescência, até aos dezoito anos de idade de modo vertical, autoritário, impedindo situações de diálogo e de discussão nas divergências e as resolvendo com violências verbais, simbólicas ou mesmo físicas, no pretexto de preservação da autoridade paterna-materna, e depois condenar no filho sua incapacidade de resolução de problemas pessoais e sociais denota a educação que gera e regenera o ciclo da mentalidade conservadora da raiz da violência.

---

<sup>6</sup>Exemplos dessa ineficácia: SOARES, Davi. **Guerra o crime é ineficaz e cara**. Diário do Poder. Disponível em: <<<https://diariodopoder.com.br/guerra-ao-crime-e-ineficaz-e-cara-na-alagoas-onde-o-estupro-cresceu-158/>>>. Acessado em 25 jan 2019. ALENCAR, Caíque. **Ineficaz e cara, polícia federal precisa investir em inteligência**. R7 Notícias. Disponível em: <<<https://noticias.r7.com/brasil/ineficaz-e-cara-policia-federal-precisa-investir-em-inteligencia-24102017>>>. Acessado em 25 jan 2019.

Como afirmou o filósofo alemão Theodor Adorno, a educação deve conscientizar urgentemente o sujeito para que se combata a barbárie, aliás, toda e qualquer forma de violência que conduza à barbárie, como a que ocorreu em Auschwitz, na segunda guerra mundial. Entenda-se barbárie pelo comportamento anti-civilizatório que caracteriza o homem, diferenciando-o do comportamento meramente instintivo-animal. Se a educação mantiver seu caráter conservador do *status quo* e a clássica formação autoritária, o atual clima conformista e a passividade do comportamento não alterará em nada a situação de violência, muito pelo contrário, a mantém e a amplia:

Concordar e nada fazer é uma atitude muito usada em alguns casos e foi exatamente esse tipo de atitude, de acordo com Adorno, que gerou Auschwitz e o extermínio de milhares de pessoas. Segundo Adorno, é necessária extrema cautela com a classificação do que é violência; nem sempre um ato violento provoca dano físico, até mesmo o tratamento desdenhoso com um semelhante pode representar violência (LEÃO, 2014, p.03).

Para Adorno a educação deve formar de tal forma o ser humano para que este tenha aversão a qualquer manifestação de violência. A conscientização acerca da moderação, da gentileza e do respeito mútuo deve acompanhar o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca de cada situação que as pessoas enfrentam ou enfrentarão. Deve-se ensinar o autocontrole sobre os impulsos de destruição presentes em cada indivíduo, ao invés da glorificação da agressividade.

Atos racistas, xenófobos, preconceituosos, discriminadores ou excludentes devem passar constantemente pelo crivo da criticidade racional ao invés de permanecerem apenas sob a tutela das emoções, dos sentimentos, das intuições, que tendem a levar o ser humano à massificação, ao comportamento de manada. Essa *desanimalização* das pessoas, ou, como afirmou Adorno, essa *desbarbarização* só é possível através de uma educação emancipadora e crítica (Cf. LEÃO, 2014).

A educação, ainda de acordo com Solange Moreira Leão, do Instituto Federal de Goiás, “deve esclarecer nossos jovens e prepará-los para que possam fazer escolhas conscientes frente ao que está posto em nosso dia a dia ao invés de aceitarem o domínio e a imposição de modismos lançados pela adoração ao consumismo desenfreado, que tem contribuído para a disseminação da violência” (LEÃO, 2014, p. 04).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como se tem discutido ao longo do texto, a conscientização crítica acerca do *status quo* que passiviza, imobiliza e conserva valores de competição, agressividade, eliminação do diferente, transformação do *outro* em *concorrente*, precisa ser ativada na educação. É necessário colocar estas questões em xeque e induzir os alunos, desde pequenos, a refletir, debater discutir, dialogar e tratar criticamente sobre estes valores tão propagados e que permeiam a convivência da atual sociedade.

Enquanto a educação formar pessoas que aceitem tais valores, sem nenhuma capacidade de ponderação e de escolha, a mentalidade que mantém fértil as condutas de violência jamais terão suas raízes cortadas. Apenas pessoas realmente livres e autônomas, que pensam por si mesmas podem *enxergar* com os olhos da razão a condição de geração cíclica de violência que a mantém presa, ao contrário das pessoas eternamente tuteladas por terceiros, que jazem dependentes: *dependentes* da moda, das regras, dos valores, das visões de mundo, e do pensamento alheio, que as aprisionam mentalmente com correntes que lhes são invisíveis. Jamais se pode combater um inimigo que não se vê, ou pior, que não se sabe nem de sua existência, especialmente se se ignora a própria participação no esquema aprisionador. Nesse sentido é preciso construir uma Educação conscientizadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Caíque. **Ineficaz e cara, polícia federal precisa investir em inteligência**. R7 Notícias, 2017. Disponível em: <<<https://noticias.r7.com/brasil/ineficaz-e-cara-policia-federal-precisa-investir-em-inteligencia-24102017>>>. Acessado em 25 jan 2019.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Coleção Educadores. Recife: Massangana, 2010.

FAUS, Joan. Ato Racista em Charlottesville aprofunda feridas históricas nos EUA. El País, 2017. Disponível em: <<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941\\_223591.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/14/internacional/1502674941_223591.html)>>. Acessado em 27 fev 2019

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios / Paulo Freire.** – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

LEÃO, Solange Moreira. **Theodor Adorno e o combate à violência entre os jovens - uma questão educacional?** Cad. Ed. Tec. Soc. Inhumas, v. 6, p.326-331, 2014.

MACIEL, Luiz Carlos. **Movimento popular realiza manifestação em frente ao exército.** PP News, 2018. Disponível em:<<<https://ppnewsfb.com.br/movimento-popular-realiza-manifestacao-em-frente-ao-exercito/>>>. Acessado em 25 jan 2019.

SOARES, Davi. **Guerra o crime é ineficaz e cara.** Diário do Poder, 2018. Disponível em:<<<https://diariodopoder.com.br/guerra-ao-crime-e-ineficaz-e-cara-na-alagoas-onde-o-estupro-cresceu-158/>>>. Acessado em 25 jan 2019.